



BIS



Boletim Informativo do SSC - Edição AMI - junho de 2001

Editorial: *Esta edição tem como objetivo divulgar como está avançando a implementação do projeto "De volta prá casa" no SSC, e ampliar para todo o Serviço as discussões surgidas durante o primeiro espaço de educação continuada inserida neste Projeto.*

Assinam esta edição: *Maria Lúcia Medeiros Lenz, Norma Pires, Ricardo Castilhos, Margarita Diercks, Maria Soeli Teixeira, Silvia Casagrande, Wanda Leite, Arlete Damian, Vera Luz, Sandra Rodrigues, Elisabeth Silva, Wilma Dias, Eroni Machado, Lúcia Santos, Leonice Santos, Vera Oliveira.*

"de volta prá casa": uma criança do SSC e a sua volta.

Discussão de Caso I

O Projeto "De volta prá Casa" tem como objetivo diminuir o número de hospitalizações e óbitos entre crianças e adolescentes, preconizando várias ações de saúde - e entre elas o acompanhamento desta população pela equipe de Saúde no momento da **volta para a casa**.

No dia 22 de junho inciou-se um espaço de **educação continuada** para todos os profissionais envolvidos mais diretamente com o Projeto nas Unidades. Foi apresentada ao Grupo a mãe de uma criança que hospitalizou recentemente no GHC, moradora da área de atuação do SSC.

O objetivo deste convite foi de escutar a sua história e poder a partir da mesma, promover uma discussão dos inúmeros aspectos que envolvem a hospitalização de uma criança e qual o papel de um serviço de atenção primária

O caminho percorrido pelo menino Diego:

Diego tem 6 anos, mora com os pais e o irmão de 11 meses. Iniciou com "dor na barriga" leve e foi levado à noite, após exarcebação do sintoma, a emergência do Hospital Cristo Redentor. A mãe pensou, em um primeiro momento, que o menino havia sofrido algum traumatismo na escola. No Hospital, foi realizada avaliação clínica e rx de abdome. O menino iniciou a ter febre e foi referenciado para a emergência do Hospital Criança Conceição com suspeita de apendicite.

Realizado o diagnóstico de pneumonia, Diego permaneceu neste hospital por 8 dias. A mãe procurou o Serviço de Saúde Comunitária espontaneamente durante este período, e após a alta do menino por solicitação da escola.

Os questionamentos do Grupo e a vivência da Mãe

O que você sentiu com esta experiência?

Eu cuidei muito dos meus filhos. Foi uma surpresa, nunca imaginei que uma dor de barriga, pudesse ser uma pneumonia. Fiquei apavorada. Perguntei ao médico se podia tratar em casa. Ele disse-me que não era possível porque um dos seus pulmões estava bem ruinzinho. Fiquei desesperada, tenho outro filho em casa que ainda amamenta. Fiquei dividida. Foi difícil o Diego fazer os exames, as injeções, as medicações fortes.

Você foi bem atendida nos dois serviços de emergência, como foi o tratamento no Hospital?

Sim, fui muito bem atendida, as enfermeiras do hospital eram ótimas e fizeram eu me sentir mais segura. Fiquei um pouco perdida quando ele foi transferido de andar.

Como o Diego reagiu?

Ele ficou ansioso, com saudade do irmão, com medo que o irmão ficasse doente, não conseguia dormir com o choro das outras crianças. Não podia escolher o canal da televisão, não podia movimentar-se direito por causa do soro. Melhorou quando conheceu a recreação, gostava de jogar videogame.

Como foi a volta pra casa?

Foi difícil, o meu outro filho ficou doente, com diarreia. Eu estava nervosa, cansada, um "risquinho", e estava ansiosa para que tudo voltasse ao normal. Queria que ele esquecesse tudo e que voltasse logo para a escola. Queria tanto que eu não tinha certeza se ele já teria condições de voltar mas acabei levando-o para a escola.

Você teve algum contato com o Serviço de Saúde Comunitária?

Sim, eu fui a consulta marcada com a minha médica (e também dos meninos), mesmo antes dele ter voltado para casa. Eu precisava falar no assunto. Uma mãe com uma criança no hospital fica muito fragilizada.

O que você sugeriria a nós, profissionais das Unidades, para auxiliar às famílias que vivenciam esta situação?

Uma consulta com o médico imediatamente após a alta

Por que com o médico? Não poderia ser outra pessoa da equipe? No hospital você falou que a enfermagem a fez sentir mais segurança.

(Ficou na dúvida do que responder mas acabou concordando que poderia ser outro profissional, mas que já tivesse algum vínculo.). Um apoio, um amparo.

Qual a melhor forma de entrarmos em contato com estas famílias? Pessoalmente? Telefone?

Pessoalmente e logo após a alta.

E como foi na escola?

Ele mudou, passou a chorar e não conseguia acompanhar a turma. A professora e a coordenadora mandaram um bilhete. Fui conversar com elas. Disseram que ele precisava de uma avaliação com o neurologista e um psicólogo, falaram até em eletro. Eu disse que ele tinha hospitalizado, tinha ficado traumatizado e ainda estava em recuperação. Elas não aceitaram e pediram um avaliação médica com urgência. Ele chorava no ditado, não lembrava de algumas palavras. Foi aí que eu procurei novamente o posto.

A consulta médica no SSC

"A mãe já havia conversado comigo no dia da Campanha de vacina, e procurei tranquilizá-la dizendo que é muito comum as crianças apresentarem alguma mudança de comportamento depois de uma hospitalização. Além disso, lembrei que não fazia nem um ano do nascimento do irmão, que acabou também ficando doente. Tudo isso, acrescido dos questionamentos da própria escola poderiam estar contribuindo no comportamento do Diego. Combinamos que trouxesse o menino na próxima semana.

A consulta foi **do Diego**. Procurei saber como ele estava percebendo este nosso encontro, como estava se sentindo, como foi ter estado no Hospital. Montamos um pequeno jogo de memória e jogamos. Diego mostrou-se atento, com ótima memória, respondendo muito bem a todas as perguntas. Foi ficando mais solto, contando dos colegas, das dificuldades que **eles** tinham na escola e

sobre quais eram suas idéias (do Diego) para que eles resolvessem seus problemas. Fizemos uma outra brincadeira com as peças do jogo. Eu iniciei uma história de um boneco doente e ele foi completando...a volta prá casa, a volta aos brinquedos, a escola. Depois ele acrescentou... e aí, ele ficou doente novamente...

Mas a história terminou bem e a consulta também. Diego ainda tinha tosse e falamos sobre o medo de ficar doente novamente, o medo de não acompanhar os colegas na escola, a saudade da mãe. Fizemos combinações sobre o que deveria contar para a professora, como poderia superar estas dificuldades e como tudo ia passar. Combinamos um novo encontro. Enviei um bilhete para a escola comunicando que o menino estava sendo acompanhado, conforme haviam sugerido e que entrassem em contato comigo."

Discussões do Grupo

A seguir, alguns tópicos discutidos e que poderão ser aprofundados durante os próximos encontros de educação continuada deste Projeto.

- Aceitação da doença por parte da família e da necessidade de internação
- A perda de identidade que ocorre no Hospital
- Não existe vínculo prévio com os profissionais da internação
- A equipe de enfermagem do hospital estabelece bom vínculo com os pacientes
- A Recreação no Hospital como importante recurso na diminuição da ansiedade, facilitador da adaptação da criança e recuperação da identidade. Ambiente mais familiar à criança.
- Afastamento de casa e da família
- Ansiedade da criança e as fantasias que vêm para preencher lacunas da falta de entendimento mais claro do que está acontecendo. (importância no preparo para a hospitalização)
- Medo de ficar doente novamente/medo de não acompanhar a escola
- Despreparo da escola em lidar com estas situações, aumentando a ansiedade na família

- Distúrbio de comportamento que acomete 80% das crianças nesta faixa etária após a hospitalização.
- A importância de uma rede apoio / momento vulnerável
- Importância de um aconselhamento imediatamente após a volta pra casa
- Relato dos profissionais que realizam estas visitas e o que estão sentindo em relação a este trabalho (valorização, admiração, "as pessoas não acreditam que o serviço possa ter toda esta preocupação", gratificação, que este sentimento faz querer se qualificar)
- A importância de convidar a equipe da Internação para estas discussões
- A dificuldade enfrentadas com a falta de medicação para estes pacientes após a alta
- Os exames de urgência, poder ser colhido no laboratório somente até as três da tarde, a necessidade de nova consulta na emergência e a maior chance de hospitalizar
- A importância das discussões nas equipes destas situações, as dificuldades de comunicação dentro da equipe e a sobreposição de trabalho (três visitas para a família que já estava sendo orientada)

Conclusão:

Uma hospitalização envolve toda a família. Por melhor que tenha sido o atendimento prestado no Sistema de Saúde, atrás de uma internação sempre existe alguém doente. A percepção da presença da doença nos faz sentir próximos às nossas limitações, a nossa fragilidade e o medo da morte. Não podemos negar as consequências desta experiência na vida de qualquer família, independente da severidade do problema, da idade, da duração, das condições sócio-econômicas e de como as famílias lidam com suas ansiedades.

O papel da equipe de saúde, através de orientações, aconselhamentos, fornecimento das medicações necessárias, revisões do estado de saúde, é de servir como uma rede de apoio para estas famílias.

Notícias do Diego

O menino está muito bem em casa e na escola. Voltou a acompanhar os colegas e a brincar normalmente. A escola não entrou em contato com o Serviço de Saúde Comunitária mas já acredita que ele não necessita mais do eletroencefalograma: - "Ele tirou 100 no último ditado!", disse a professora.



Diego com o irmão, Diovani. "De volta pra casa"